

Prefácio

“O capital tem horror à ausência do lucro ou do lucro pequeno, como a natureza do vazio. Com lucro adequado o capital torna-se audaz; com 10%, seguro; com 20%, excitado; com 50% de lucro, temerário; com 100% pisoteará qualquer lei humana; com 300% de lucro não há crime que não arrisque, mesmo sob a ameaça da força. Se tumulto e confusão trouxerem lucro, serão pelo capital encorajados. Prova: contrabando e comércio de escravos”¹.

Não é tarefa simples prefaciara obra do Prof. António José Avelãs Nunes. Um mestre de todos nós, conhecido por uma vida de intensa dedicação à pesquisa científica; portador de incomum cultura, realizador de tantas atlânticas travessias para o estabelecimento do debate conosco.

Do princípio à última página, constatar-se-á dois sinais a guiarem nosso percurso pelo texto. O primeiro deles é o reconhecimento de que não há possibilidade fora da história. O segundo, de que a história do pensamento econômico até hoje comporta duas visões, a serem analisadas e compreendidas a partir da história e de sua materialidade. E isto quer dizer que a racionalidade da história, como já nos advertiu Hegel, não depende da cognição de ninguém. Se a “crítica da razão pura” kantiana foi a tentativa de purificar a filosofia para dar atenção à razão, isto é, ao homem que a estuda, mais tarde viu-se que o acontecimento humano não se explica apenas por quem o observa: ele não deixará de existir porque queiramos ou não; porque gostemos ou não. Eis a materialidade da história a que me refiro, e é a que se encontra neste livro. Esta foi a razão que me conduziu a insistir em Marx para iniciar minhas palavras neste prefácio. N’O

¹Marx, Karl. Das Kapital, p. 788. Esta passagem é uma citação de Marx da obra de Thomas Jefferson Dunning, Trades’ Unions and Strikes: Their philosophy and Intention, pp. 35-36, publicada em Londres, 1860. No original: “Das Kapital hat einen horror vor Abwesenheit von Profit oder sehr kleinem Profit, wie die Natur vor dem Leere. Mit entsprechendem Profit wird Kapital kühn. Zehn Prozent sicher, und kann es überall anwenden; 20 Prozent es wird lebhaft; 50 Prozent positiv waghalsig; für 100 Prozent stampft es alle menschlichen Gesetze unter seinen Fuß; 300 Prozent, und existiert kein Verbrechen, das es nicht riskiert, selbst auf Gefahr des Galgens. Wenn Tumult und Streit Profit bringen, wird es sie beide encouragieren. Beweis: Schmuggel und Sklavenhandel”.

Capital há a fundação de uma nova teoria da história, a espalhar-se não somente pela Economia, mas pelo Direito, pela Filosofia, pela Sociologia, pela literatura clássica; tudo que, na verdade, *O Capital* é. Há, ainda, uma imperiosidade a obrigar-me a recorrer a uma das inúmeras passagens históricas do principal livro de Marx: a vida acadêmica de Avelãs Nunes, tão bem explicitada nesta obra prefaciada, é dedicada à história do pensamento econômico. Em outras palavras: não há possibilidades do conhecimento fora da história.

Pela primeira vez na história do estudo da economia, *O Capital* inclui os que não contam. Dito de outro modo: um casaco não custa somente a lã que é tosquiada dos animais por homens, seu transporte e o fabrico nas tecelagens dos tempos primeiros da Revolução Industrial. O casaco tem um preço político e social, já que é necessário um “aparato de justificação”, como confirma a advertência de Thomas Piketty, para que esta produção mantenha-se, e possa garantir acumulação do capital em favor dos capitalistas (jamais de toda sociedade), livre circulação das mercadorias (as forças militares devem ser usadas para esta garantia) e centralização da decisão econômica e política (em parlamentos onde somente os “homens responsáveis” possam votar e ser votados). Desta forma, no preço do casaco e de qualquer mercadoria está o custo da lei, da ordem policial e do aparato estatal que faz e aplica leis. Por isso que Karl Marx recorre à expressão *Politische Ökonomie*, desde 1858, para designar uma inusitada compreensão de economia, que antes se reduzia a aluguel, juros, renda ou mesmo à análise das causas e efeitos naturais da atividade econômica. Ainda que se veja a proximidade entre Marx e Ricardo a respeito do tema custo do trabalho, há uma centralidade a distinguir os dois: por seu poderoso intelecto filosófico, Marx constrói a categoria da alienação no capitalismo, para explicar que o homem a vender sua capacidade de trabalho num sistema de normas jurídicas e sociais que assimila e estimula esta venda, resulta no homem alienado duplamente de sua condição de homem genérico (*Gattungsmenschen*): passa a ter o suficiente somente para viver e reproduzir como o resto dos animais irracionais, e perde sua capacidade física em pouco tempo.

Este percurso do pensamento econômico consiste também na trajetória deste livro do Prof. Avelãs Nunes, que, ao longo de seu texto, mostra o “aparato de justificação” econômico que sustentou e sustenta as distintas concepções e formas concretas de sua existência. Eis mais um elemento a atribuir incomum valor ao esforço científico de Avelãs Nunes: não somente o descritivismo histórico de fases da economia política, mas a análise de suas articulações, o que nos torna possível compreender onde chegamos e sobretudo porque chegamos ao ponto dos dias atuais.

A obra inicia com os fisiocratas e suas origens. Criticados por sua concepção natural das coisas e movimentos, Avelãs Nunes chama nossa atenção para a relevância de um histórico debate, cujo acúmulo possibilitou o avanço científico dos estudos da ciência econômica e o papel desempenhado pelo mais significativo dos fisiocratas, François Quesnay. Se a “lei física” influencia a “lei moral”, o pensamento fisiocrata representa o liberalismo que estará por formar-se e solidificar-se como corrente econômica, jurídica e política dominante por muito tempo.

Num instante primeiro, é evidente que o recurso à ordem natural dos fisiocratas relaciona-se diretamente com o sentimento de superioridade da natureza a nutrir o pensamento político conservador que enfrentou as mudanças revolucionárias na França e no resto do mundo após 1789. Edmund Burke fortalece a ideia de que as mudanças somente são aceitáveis quando acompanhadas das mudanças lentas da natureza. Desta forma, qualquer reivindicação de igualitarismo seria, antes de tudo, contra a natureza humana. Mais tarde, Donoso Cortés, em 1851, engrossará as fileiras do pensamento conservador que atingirá fortes momentos na Europa do período entre as duas guerras e fará com que a democracia seja quase uma exceção: da Europa Ibérica à Alemanha e Itália regimes autoritários e totalitários proliferam.

Como há decisiva vinculação entre esses dois universos tão próximos – economia e política – o livro segue na mesma direção, com a profundidade de análise devida. Avelãs Nunes percebe tal movimento com clareza quando, pelas palavras de Mirabeau, traz a crítica dos fisiocratas à tentativa da igualdade econômica, que arruinaria qualquer sociedade, conduzindo até “à extinção da espécie humana”. Será ainda o mesmo Mirabeau que condenará a igualdade política, como uma consequência de sua visão econômica. Os homens que formam o Estado serão sempre os proprietários. Os que não a possuem, não podem decidir: para estes, qualquer decisão política será indiferente, já que nada têm a perder ou a ganhar com suas posições políticas. A operação do pensamento a vincular a racionalidade dos acontecimentos, não escapa do olhar do Prof. Avelãs Nunes, a perceber com clareza este movimento histórico do desenvolvimento econômico, e o peso do “proprietarismo” dos fisiocratas em suas concepções, a marcarem o pensamento de uma época. É claro que a questão dos impostos e sua relação com renda e propriedade não escapou da atenção do livro.

Na sua obra *The Big Three in Economics*, Mark Skousen afirma que, aquilo que Adam Smith teria construído, Karl Marx teria destruído. A frase pode ser lida no sentido inverso e teremos um Marx construtor de uma nova perspectiva. Independente de

como seja lida esta lembrança, Avelãs Nunes segue em sua obra destacando Smith, Ricardo e Marx, com a localização material das visões de cada um dos grandes da economia política. Smith incorpora o lucro capitalista, e a partir daqui temos novas formas já previstas pela expansão da Revolução Industrial com suas máquinas e a modificar completamente a relação com o homem e com o trabalho, expressada na forma da “teoria do valor-trabalho”.

Os nexos da “teoria valor-trabalho” continuam com a análise sobre David Ricardo, conquistador tão completo da Inglaterra “assim como a inquisição da Espanha”. *On the Principles of Political Economy and Taxation* revela-se como uma reflexão de uma teoria do valor do trabalho e consistente análise entre a circulação das mercadorias produzidas e sua necessidade entre os homens. Desta forma, o preço do trabalho não teria necessariamente impacto sobre a produção, caso esta viesse a ser em grande quantidade. Como a história tece seus fios a partir da racionalidade, explica-se na obra de Avelãs Nunes a evolução para o livrecambismo, e mudança de 1846, que permitiu a Inglaterra já industrial a consolidação de seu poder perante suas colônias e os demais países. Foi para Marx a mais significativa vitória do livrecambismo no século XIX, vale dizer, vitória do interesse da burguesia industrial inglesa que derrotou sua compatriota aristocracia rural.

Com Karl Marx, Avelãs Nunes atinge a crítica do sistema econômico e político do capitalismo. O que havia sido escrito e refletido até o momento, em matéria de pensamento da economia política, passa por uma autêntica revolução intelectual, bem captada pela história das ideias econômicas. Bem se sabe que *O Capital* apareceu somente após intensa obra anterior de Marx. Antes de construir sua obra de teoria econômica e política, Marx preparou o caminho com uma nova filosofia e com uma outra teoria da história. O ponto da teoria marxiana foi mesmo o capítulo 24 de *O Capital*: “a assim chamada acumulação originária” (ou “acumulação primitiva”, como optaram algumas traduções para a língua portuguesa para *Die sogenannte ursprüngliche Akkumulation*). Como de outra maneira não poderia ser, a tônica de Avelãs Nunes na teoria da história marxiana revela que o Professor de Coimbra maneja com sabedoria a chave para a compreensão de larga visão sobre a economia política de Marx. Por esta razão que Avelãs Nunes explicita a distinção entre Ricardo e Marx, por exemplo, no trabalho: o que o trabalhador vende não é seu *trabalho*, como entendeu Ricardo, mas sua *força de trabalho*, como demonstrou Marx. As longas horas de pesquisa no Museu Britânico valeram, para anos que viemos depois, qualquer sacrifício pessoal e familiar, embora jamais devamos

esquecer a crueldade com que Marx e sua família foram tratados pelas sociedades alemã e inglesa do século XIX! A comprovação da mais valia como ferramenta para o lucro traz desdobramentos filosóficos e políticos e talvez isso explique o sucesso da obra de Marx até os dias de hoje.

Se nenhum país do dito capitalismo avançado realizou a revolução comunista, não se pode dizer que as reflexões marxianas devam ser abandonadas ou sequer relativizadas. O poder de suas formulações, a natureza explicativa das desigualdades mundiais, concomitante com um pretenso discurso de que somente o mercado é que pode corrigi-la, deixam evidente que a leitura do trabalho do Prof. Avelãs Nunes é necessária para que tenhamos atenção na complexidade das relações econômicas e políticas de hoje. Quando escrevo estas linhas, convivo com notícias de crescente onda política conservadora – no Brasil, na América Latina, nos Estados Unidos e na Europa. Conservadorismo a deixar traduzir-se em intolerância étnica, econômica e religiosa; em xenofobia e em completo desrespeito aos povos e nações mais frágeis, especialmente quando se trata de conquistar suas riquezas naturais para grandes conglomerados industriais ou financeiros do centro do capitalismo, ainda que a custo da miséria de populações inteiras. Não são mais as potências coloniais que invadem nações em todos os cantos do mundo: são os bancos e empresas, a dominarem os governos, que desempenham este papel.

A atenção sobre este momento, articulada com a história do que se teve a menos de 70 anos atrás, como a Segunda Guerra Mundial, tornam a leitura deste livro de Avelãs Nunes uma necessidade. Mesmo pelo fato de o Autor tê-lo escrito com maestria.

Serra de Ubajara, fevereiro de 2017.

Prof. Dr. Martonio Mont'Alverne Barreto Lima.